

O panorama editorial galego no tradofranquismo e na transiçom

Gonçalo Cordeiro Rua e Roberto López-Iglésias Samartim

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

CORDEIRO RUA, GONÇALO E ROBERTO LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM (2011 [2008]). “O panorama editorial galego no tardofranquismo e na transiçom”. En Paz Romero Portilla e Manuel-Reyes García Hurtado (coords.), *El libro en perspectiva. Una aproximación interdisciplinaria. III Simposio de Estudio Humanísticos (Ferrol, 5 a 6 de novembro de 2007)*. A Coruña: Universidade da Coruña, 161-193. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/374>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

CORDEIRO RUA, GONÇALO E ROBERTO LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM (2008). “O panorama editorial galego no tardofranquismo e na transiçom”. En Paz Romero Portilla e Manuel-Reyes García Hurtado (coords.), *El libro en perspectiva. Una aproximación interdisciplinaria. III Simposio de Estudio Humanísticos (Ferrol, 5 a 6 de novembro de 2007)*. A Coruña: Universidade da Coruña, 161-193.

* Edición dispoñíbel desde o 28 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

De acordo com o estado actual da pesquisa desenvolvida pelo grupo de investigação Galabra da Universidade de Santiago de Compostela [USC] no seio do projecto Poluliga [*Portugal e o mundo LUsófono na Literatura Galega (1968-2000)*], este trabalho pretende descrever e analisar de maneira sumária o estado do Campo Editorial Galego [CEdG] no fim do franquismo e na transição (entre 1968 e 1978).

À hora de localizarmos cronologicamente o lapso temporal deste trabalho falamos em «fim do franquismo» e em «transição» dumha maneira funcional e de acordo fundamentalmente com «balizas externas aos campos culturais já que, em virtude da heteronomia que caracteriza o sistema nesta altura, elas som as responsáveis das principais mudanças verificadas no interior do SCG [Sistema Cultural Galego]»¹. Em geral, no campo político o «fim do franquismo» (1968-1973) abrange das primeiras revoltas estudantis contra a ditadura do General Francisco Franco até o assassinato do seu chefe de Governo, home forte do regime e previsível herdeiro político, o Almirante Carrero Blanco; nos campos culturais, este período está enquadrado polo surgimento de «Voces Ceibes», movimento universitário de cantores em galego², e a tomada de posição «reintegracionista» do professor Manuel Rodrigues Lapa, em relação com a expectativa de incorporação da língua galega ao campo do ensino obrigatório gerada

¹ LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM, R. - CORDEIRO RUA, G., «O pensamento cultural galego em referência a Portugal: Posição e função de ideias e grupos no tardofranquismo e na transição», em *Actas do I Congresso Internacional O pensamento Luso-Galaico-Brasileiro 1850-2000*, Porto, IN-CM, 2008 (no prelo).

² Ver RODRÍGUEZ PRADO, M. F., «Inovações repertoriais no campo cultural galeguista na década de 70 e as transferências do mundo luso-afro-brasileiro», em *Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Universidade de Coimbra, 2004 (acessível em http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel53/Felisa_Rodriguez_Prado.pdf [última consulta 04/11/2007]).

pola última Ley General de Educación do franquismo³. Por seu lado, a «transiçom» (1974-1978) comprende, no campo político, da chefia de goberno de Arias Navarro à aprovaçom em referendo da Constituiçom Espanhola em 1978, com o qual culmina a reforma do quadro legal vigente; nos campos culturais, por seu lado, este período está enquadrado entre os primeiros efeitos da referida tomada de posiçom de Rodrigues Lapa (num ano, 1974, em que o CEdG sofre na descida da produçom editorial as conseqüências da crise económica) e o incipiente processo de institucionalizaçom do SCG iniciado após a criaçom da Xunta Preautonómica de Galicia no ano 1978, data esta, aliás, em que acaba a formatura na USC da primeira promoçom da licenciatura em Filologia, secçom Hispánica, subsecçom galego-português, destinada a se ocupar da docência da língua e a literatura galegas no ensino obrigatório (esta matéria, porém, deverá aguardar até o início dos anos oitenta para ser incorporada ao sistema de ensino obrigatório na Galiza).

Para a descriçom e análise sumária do CEdG entre 1968 e 1978, utilizamos a informaçom que sobre este campo nos fornece o Censo de Livro em Galego elaborado em Poluliga⁴. Esta Censo foi criado fundamentalmente por acréscimo de vários catálogos bibliográficos e constitui o mais completo cadastro de livros escritos total ou parcialmente em galego entre 1968 e 1982 de que temos conhecimento, contendo na actualidade um total de 1.265 registros para o período delimitado neste trabalho (1968-1978). Por outro lado, para o presente estudo figemos umha primeira aproximaçom da delimitaçom do corpus do projecto Poluliga quanto ao «livro galego em castelhanu» partindo dos fundos da Biblioteca Penzol e da Biblioteca da USC e obtivemos como resultado um total de 977 referências. Estas cifras globais que agora achegamos, 1.265 e 977 registros, serão modificadas no futuro graças à constante revisom a que submetemos os nossos censos (nalgum caso contrastando a informaçom disponível com a consulta física dos fundos). Contodo, estamos em disposiçom de afirmar que essas flutuaçoms futuras dificilmente alterarám de maneira significativa a tendência geral do comportamento do CEdG quanto a volume e tipologia da produçom. Além disto, neste trabalho atendemos a volumes totais de produçom, polo qual nom fazemos referéncia a tiragens e nas quantidades achegadas nom excluím os a reediçom.

³ LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM, R., «Ideia de língua e vento portugués na Galiza do tardofranquismo: O caso de *Galaxia*», em *Agália*, 83-84 (2005), pp. 31 e ss.

⁴ Entendemos neste trabalho como «livro galego» aqueles livros, folhetos e separatas (de acordo com normas de catalogaçom do ISBD [International Standard Bibliographic Description]) produzidos e editados dentro das margens do SCG por produtores ou instituiçoms actuantes neste sistema. Este conceito contempla como «livro em galego» todos os exemplares editados total ou parcialmente em qualquer estándar dos vários propostos para o galego (quer os livros escritos originariamente nesta língua quer os textos para ela traduzidos) e, como «livro galego em castelhanu», apenas aquelas obras nesta língua compreendidas nas margens do SCG. O procedimento e os critérios para a identificaçom e fixaçom do corpus do livro galego (em galego e em castelhanu), cuja exposiçom fica fora das margens deste trabalho, serão o assunto dum artigo de próxima publicaçom.

Deixando de parte os exemplares em que convivem o galego e outra(s) língua(s) (fundamentalmente o castelhano; incluídos já no nosso Censo de Livro em Galego), nem todos os agentes e instituições intervinem no CEDG publicando livros unicamente nesta língua; isto é, o galego nom funciona de maneira unánime na altura como norma sistémica (como a baliza delimitadora da pertença a um Sistema Cultural concreto, neste caso o galego⁵). Por um lado, a discussom do carácter da língua galega como (única) norma sistémica de alguns grupos e agentes actuantes no fim do franquismo e na transiçom no SCG⁶ e, por outro lado, a aplicaçom deficitária polos intervinientes neste sistema cultural do pretendido carácter de norma sistémica (défices derivados em grande parte da situaçom política existente sob o regime franquista)⁷, fam necessário que devamos determinar e contemplar na nossa investigaçom também o conjunto de livros publicados em castelhano susceptíveis de serem incluídos ou relacionados com o SCG entre 1968 e 1978 em virtude de serem escritos ou editados por agentes ou instituições actuantes neste sistema no período em causa.

Entendemos que só com a delimitaçom da produçom editorial em castelhano ligada ao SCG poderemos complementar e dimensionar ajeitadamente o funcionamento do CEDG deste período e, neste trabalho, analisarmos de maneira sumária as questons gerais relacionadas com o volume e a tipologia da produçom editorial; por outro lado, esta fixaçom do censo de livros em castelhano publicados nas margens do SCG permitirá-nos, em trabalhos posteriores, aprofundar no estudo do SCG e dos limites e relaçons deste com os outros sistemas peninsulares (nomeadamente com o Sistema Espanhol).

⁵ «As normas sistémicas (materiais ou regras repertoriais da perspectiva analítica de Even-Zohar) som critérios delimitadores que actuam como princípios básicos que se activam nas práticas culturais dos espaços sociais, e de cuja interpretaçom e aceitaçom pola comunidade participante dependem as possibilidades e os modos de obter uso, posiçom e funçom nos sistemas culturais. As normas sistémicas, aliás, nom apenas determinam os nutrientes da estrutura do sistema mas os modos e efeitos de serem atingidos os seus pertencentes». TORRES FEIJÓ, E. J., «Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais», em ABUÍN, A. - TARRÍO, A. (coords.), *Bases Metodolóxicas para unha Historia Comparada das Literaturas da Península Ibérica*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 2004, pp. 429-430.

⁶ Agentes ligados nomeadamente ao Partido Comunista Galego [PCG], criado em 1968 sobre a secçom galega do Partido Comunista Espanhol [PCE], e a produtores e instituições enquadráveis na secçom mais à direita do SCG, o que denominámos noutro lugar «Grupo Filgueira». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

⁷ O director do grupo Galabra denomina *défices projectivos* «a essas interpretaçons de carências sistémicas [...], 'na medida em que indicam un vazío que se quer preencher (ou umha presenza que se quer substituir), um projecto que se quer realizar' (Torres Feijó: 2000: 975 ss)» (TORRES FEIJÓ, *art. cit.*, p. 438 [TORRES FEIJÓ, E. J., «Norma lingüística e (inter-)sistema cultural: o caso galego», em CARRASCO, J. M. et al. (eds.), *Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1^{er} Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2000, pp. 967-996]).

1. AGRUPAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO EDITORIAL

Com a finalidade de descrevermos e analisarmos a evolução do volume e da tipologia da produção do CEdG, e visto que a fragmentação da produção neste campo entre 1968 e 1978 é um dos seus traços característicos, procedemos previamente ao agrupamento e classificação da produção em virtude tanto da sua tipologia (géneros e temas) como do tipo de editor. Os critérios para estes agrupamentos em diferentes classes de editor e tipologias de produção têm um carácter funcional e levam em conta, por um lado, a pertença a um mesmo grupo editorial de diferentes selos ou a um mesmo tipo formal de editor (quanto ao carácter institucional da entidade editora, por exemplo) e, por outro lado, contemplam a tipologia do produto em relação à sua inclusão num género determinado ou à focagem dumha temática específica.

O primeiro critério conduz directamente ao **agrupamento** da produção do grupo Galaxia⁸, editada sob os selos Galaxia e SEPT. De outra parte, visto que a produção dentro do item «s.n.» é identificada sistematicamente nos diferentes catálogos sob o nome da gráfica ou da impressora, que o mesmo é aplicável à edição de autor e que estes três tipos têm em comum a ausência de um selo editorial ou umha entidade declarada, optámos por diferenciá-la e agrupá-la dentro da classe «s.n.». Esta indefinição de partida é produto da variabilidade registada em relação aos critérios de catalogação aplicados por diferentes pessoas nos vários fundos bibliográficos consultados.

⁸ «Denominamos ‘Grupo Galaxia’ ao conjunto de produtores agrupados em volta da editorial do mesmo nome, cujo núcleo, formado por agentes procedentes do galeguismo do pré-guerra civil de 1936-1939 (Ramón Otero Pedrayo, Francisco Fernández del Riego, Ramón Piñeiro etc.), baseia o seu projecto cultural na tradição galeguista e trabalha estrategicamente devotado para a sua institucionalização; com este objectivo cria a editorial *Galaxia* e a revista *Grial* e alarga a sua intervenção no campo editorial através do selo SEPT, que foca conteúdos próprios da religião cristã e da filosofia. Todos estes projectos promovem repertórios caracterizados em boa medida polo seu carácter autónomo (mais ligados à «arte pola arte» do que à «arte social»), procuram um público com um relativamente elevado capital cultural, som os de maior estabilidade do SCG da altura e, além do mais, acumulam o grande capital simbólico que lhe transferem os agentes que os constituem ou que neles participam, incluídos os produtores mais canonizados e agora editados por *Galaxia*, ora provenientes do «Rexurdimento» literário galego do século XIX (responsáveis do ressurgimento da literatura escrita na língua da Galiza, como Rosalia de Castro, Curros Enríquez ou Eduardo Pondal), ora do período do pré-guerra (em especial Daniel Rodríguez Castelao, figura central do nacionalismo político galego, escritor e artista plástico) [vid. CORDEIRO RUA, G. - RODRÍGUEZ PRADO, M. F., «Sistema literário galego e mundo lusófono na primeira metade de setenta (1969-1974). Portugal para quê?», em *Actas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* [AIL], Providence (Rhode Island, USA), Brown University, 2002 (no prelo)]. Todas estas características contribuem para que Galaxia ocupe a posição mais central de todos os grupos presentes no SCG tanto no Tardofranquismo como na Transição». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.* Carregado no original.

Aplicamos o critério institucional no sentido de identificar um segundo segmento da actividade editorial «nom profesionalizada». O cruzamento deste segundo critério com o objectivo de estudarmos em Poluliga as relacións dos campos culturais com o campo do poder (político e económico) levou-nos por sua vez a distinguir, quando os volumes de produción assi o aconselhavam, três classes de edición institucional: a originada no campo do poder (nomeadamente concellos, deputacións e, desde 1978, a Xunta de Galicia), no campo económico (caixas, bancos, empresas ou asociacións empresariais, cámaras de comercio etc.) e a gerada por institucións públicas e privadas especificamente culturais (patronatos, museus, fundacións, academias etc.).

Fica especificamente de parte deste critério institucional a produción gerada nos «enclaves»⁹, agrupada sob esta epígrafe em virtude de facilitar assi umha melhor análise da actividade no CEdG tanto das editoras como dos Centros Galegos e Patronatos sediados nestes espaços do SCG afastados da metrópole.

Por último, aplicamos um critério quantitativo segundo o qual agrupamos em «outros» todas aquelas editoras que nom alcançan umha percentagem mínima da produción no conxunto do período examinado (menos de 3% para o livro em galego e de 2% para o livro em castelhanu) e que nom podem ser agrupadas de acordo com nengum critério dos anteriormente expostos¹⁰.

Quanto à **classificación** da tipología da produción, estabelecemos umha série de categorías basicamente coincidentes para o conxunto do livro em galego e em castelhanu, embora a clasificación nas duas línguas apresente pequenas variações como conseqüência das diferentes classes de materiais editados em cada umha delas:

- a) Categorijs comuns: arte, ensaio, ensino, infante-juvenil, narrativa, poesía, relixiom e teatro. Aqueles produtos nom enquadráveis dentro de nengumha das tipologias estabelecidas, ou de pouca rendibilidade para a visualización, fõrom consignados dentro da epígrafe «vários».

⁹ «Elias Torres Feijó ([...] [2004, *art. cit.*, pp. 429 e ss.]) e o grupo Galabra, por el coordinado, aplican a noción de *enclave* para estudiar o conxunto de actividades literarias desenvolvidas nun espacio social que se vincula a outro que actúa como metrópole, asumindo sempre a pertenza de ambos a un único sistema literario». EQUIPO GLIFO, *Diccionario de termos literarios*, [Santiago de Compostela], Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 1998, vol. II (e-h), pp. 71-72. Itálico no original. Os enclaves som, portanto, «umha sección do sistema cultural situada num território geograficamente afastado do da comunidade originária, configurando um espaço no qual as pessoas e as institucións presentes mantemhem relacións específicas entre elas e com os seus homólogos da metrópole». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

¹⁰ Em virtude do carácter panorámico deste traballo e das características físicas da presente edición (em papel, a preto e branco) reduziomos também o número de elementos presentes nas figuras incluídas (tipologias e editoras) tentando a melhor visualización possível das gráficas. Para umha información mais pormenorizada poderám ser consultadas as tabelas e gráficas incluídas nos Anexos a este traballo.

- b) Livro em galego: arte-BD (banda desenhada), arte-H (humor gráfico) e maios.
- c) Livro em castelhano: língua, biografia, geografia, livro científico-técnico e livro jurídico.

As classes e agrupacions aquí definidas som produto do noso pré-conhecimento do SCG, e o seu rendimento para a análise do CEDG deste período foi verificado empiricamente em trabalhos anteriores realizados no seio do projecto Poluliga¹¹, onde confirmámos a produtividade de estabelecermos categorías como as propostas para a abordagem da produçom bibliográfica.

Neste sentido, no livro em galego achámos conveniente agrupar os títulos referidos a «língua» dentro da classe «ensino», porque é este o ámbito em que funcionan, como materiais para a aprendizagem. No caso do livro em espanhol, os blocos «língua» e «ensino» configúram-se como epígrafes muito mais produtivas e separadas (nomeadamente quanto à investigación ou ao ensaio sobre o ensino). O ítem «maios» refere-se a um conjunto de folhetos de índole popular conservados no fundo da Biblioteca Penzol. O livro «científico-técnico» (ou técnico-prático) apenas resulta produtivo como categoría quando aplicado ao livro galego em espanhol. Por último, as tipologías «biografía», «geografía» e «jurídico» fôrom utilizadas apenas para a aproximaçom do livro em espanhol, visto que umha percentagem significativa desta produçom é dedicada à divulgaçom de determinadas personalidades, aos estudos aplicados a territórios específicos (vilas e cidades) e às normas e regulamentos, respectivamente.

2. VOLUME E TIPOLOGIA DA PRODUÇOM EDITORIAL

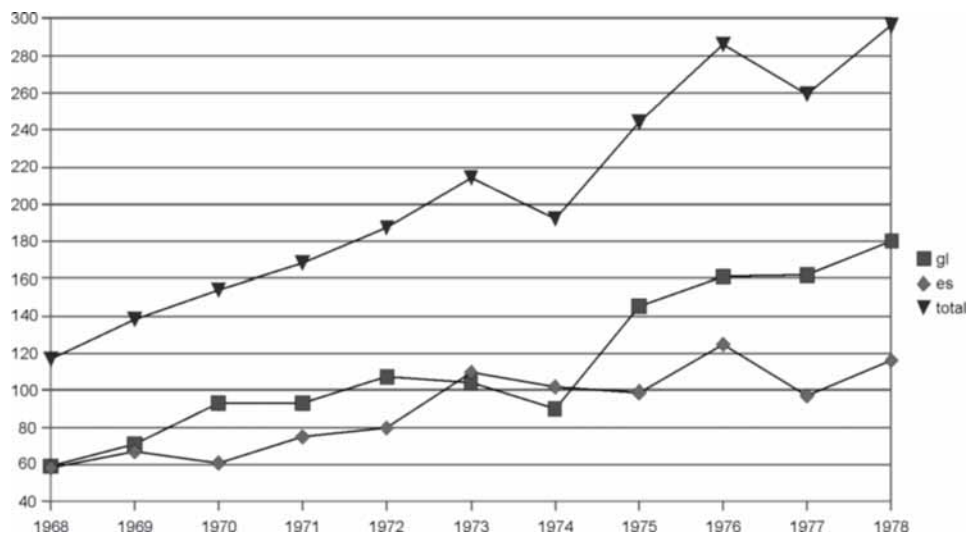
Quanto ao volume da produçom do livro galego¹², as principais conclusons que podemos tirar dos dados com que contamos neste momento apontam para o *carácter*

¹¹ Nomeadamente LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM e CORDEIRO RUA (*art. cit.*). Esta comunicaçom está enquadrada «dentro da descriçom e estudo do processo de construçom do SCG e pretende tanto caracterizar de maneira sumária os principais agentes e grupos nele actuantes durante o Tardofranquismo e a Transiçom (1968-1978), como identificar e localizar as principais ideias fabricadas ou promovidas polas suas elites ao longo deste período da história da Galiza». No presente trabalho remetemos a este texto para referir alguns aspectos sobre grupos e repertórios em jogo no CEDG que necessariamente devem ficar de parte da nossa análise neste momento.

¹² Deixamos de lado na nossa análise do volume da produçom (que nom da tipologia) três exemplares sem indicaçom de data: dous folhetos de organizaçoms de esquerda relacionados com a criaçom dum sindicalismo de classe na Galiza e o livro *Sempre contentos* de Manuel Bergueiro López (também sem indicaçom de lugar nem editora).

heterónimo do CEdG do período 1968-1978, tanto no referido ao livro publicado em galego como à produçom do livro galego em castelhamo (Figura 1).

Figura 1 / Tabela 0. *Produçom do livro galego 1968-1978.*
Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboraçom própria.



Lugar/ ano	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Galego	59	71	93	93	107	104	91	145	162	163	180
Espanhol	58	67	60	74	80	106	101	98	122	95	116
Total	117	138	153	167	187	210	192	243	284	258	296

Rompendo umha tendência geral ao aumento da quantidade de títulos publicados, o descenso da produçom de livro em galego em 1973 e, sobretudo, em 1974 pode ser explicado atendendo tanto à situaçom política desfavorável durante os últimos anos do regime franquista (as mobilizaçoms operárias de 1972 na Galiza e o assassinato do chefe do governo franquista em 1973 explicariam a repressom posterior) como, sobretudo, à crise económica desses anos (com repercussoms directas no campo literário por causa do encarecimento do papel)¹³. O aumento continuado do volume de produçom

¹³ Na prensa da altura som contínuas as referências à crise do papel e à sua repercussom na indústria do livro. Veja-se apenas como exemplo «Graves peligros para el libro español. El aumento del precio del papel y las medidas proteccionistas de algunos países americanos» (*La Voz de Galicia*, 19-04-1974, p. 42); aí, no corpo da notícia, podemos ler que «una de las esperanzas para hacer frente a la posible crisis radica en la 'Ley del Libro', cuyas bases anunciará en Barcelona el próximo sábado el ministro de Información y Turismo, Pío Cabanillas».

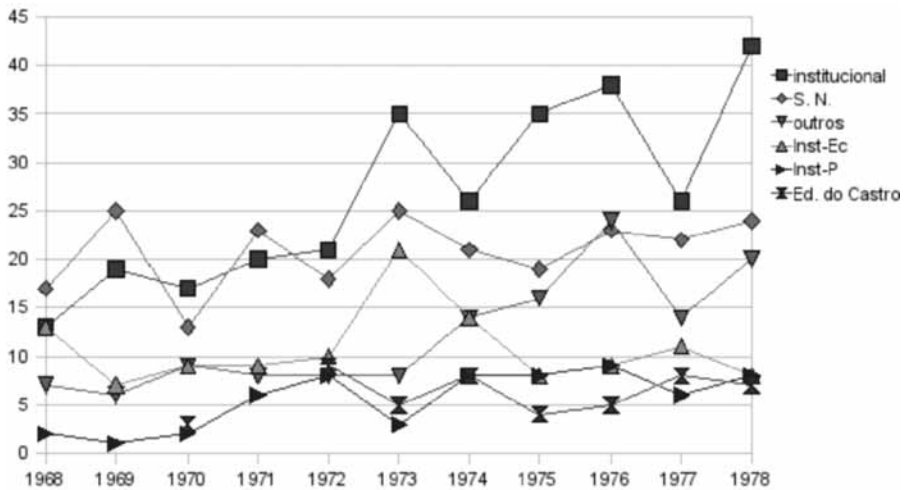
editorial em galego a partir de 1975 terá a ver, por seu lado, com o fim da ditadura franquista e o conseqüente surgimento dum espaço sócio-político de maiores liberdades no conjunto do Estado Espanhol, situação política que possibilita a incorporação de novas editoras e a publicação dum maior volume de materiais escritos em galego.

Estas circunstâncias afectam em menor grau ao livro galego em castelhano já que esta escolha linguística possibilita, a priori, a circulação num mercado mais alargado que o fai menos desproveitoso economicamente num momento em que os custos de edição som mais elevados por causa da crise do petróleo (1973-1974). Por outro lado, o livro em castelhano também é um produto sem as implicações políticas do livro escrito em galego já que, em geral, até a morte de Franco existia o risco de a simples escolha da língua da Galiza ser entendida polas autoridades como um elemento político «separador» e de oposição ao regime¹⁴, facto que nom favorece a edição de materiais nesta língua.

Neste sentido, verificamos que tanto o maior volume de produção do livro editado em castelhano dentro das margens do SCG em 1973 (só neste ano e no seguinte o livro em espanhol supera o livro em galego) como a queda da produção em 1977 estão em função do tipo de editor que sustenta os produtos nesta língua (Figura 2).

Figura 2. Subcampo do livro em castelhano 1968-1978 (tipo de editor > 5%).

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboração própria.



¹⁴ Do ponto de vista legal, este risco existe durante todo o período em que vigora a Ley de Prensa e Imprenta. Conhecida como «Lei Fraga» em virtude de ter sido Manuel Fraga Iribarne o ministro franquista responsável pola sua elaboração e promulgação em 1966, esta lei suspende a censura prévia em vigor no Estado Espanhol desde a Ley de Prensa de 1938; porém, o seu artigo 2 obriga ao respeito aos «Principios Fundamentales del Movimiento Nacional», o que amparará as sanções à dissidência até este artigo ser revogado polo Real Decreto-Lei de 1 de abril de 1977, sobre Liberdade de Expressom.

No geral, observamos que ao longo de todo o período em análise a evolução da produção do livro galego em castelhano depende em grande medida da edição institucional, que acumula praticamente 30% da produção total nesta língua (quase metade se somarmos a produção das instituições económicas e políticas, vid. Anexo 1, Figura A). A comparação deste facto com qualquer tipo de produção institucional veiculada em galego, que nem alcança 10% do conjunto dos materiais editados nessa língua (6% na cultura, 2% na economia e 1% na política, vid. Anexo 1, Figura B), indica que as instituições com presença no CEdG publicam principalmente em castelhano durante todo o período.

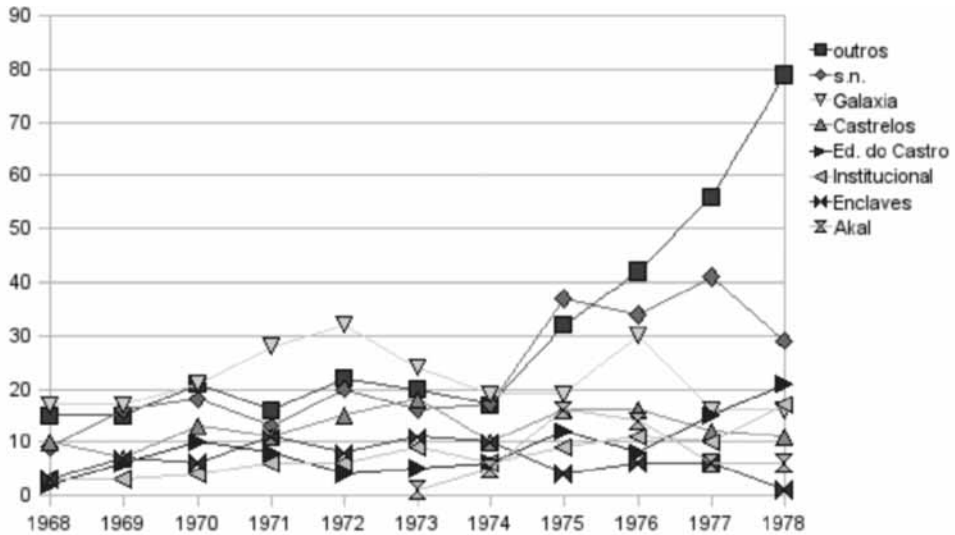
Presas das inércias próprias dum regime político ditatorial¹⁵, as instituições ligadas à cultura só optaram de maneira significativa por veicular os seus produtos em galego no ano 1978 (facto que aponta já para o comportamento posterior do CEdG); nesse ano, com a situação política já mais próxima do lado da democracia parlamentar, o conjunto das instituições culturais galegas superam o volume de produção de Galaxia no subcampo do livro em galego (Figura 3).

De qualquer maneira, a principal característica da produção quanto ao tipo de editor do livro galego, quer na língua da Galiza quer em castelhano, tem a ver com a grande *fragmentação da produção editorial* verificada no CEdG deste período histórico (Anexo 1, Figura C). Isto significa que um considerável volume da produção está em mãos dum alargado e diversificado conjunto de editoras (agrupado como «outros» na nossa análise) que individualmente produz um número relativamente reduzido de títulos. Verificamos que esta fragmentação é muito mais marcada na edição em galego, quase 27% (Anexo 1, Figura B) do que na edição em castelhano, onde nem chega a 14%, quase 3 pontos percentuais por baixo da produção total do livro galego (Anexo 1, Figura A).

¹⁵ No espaço institucional da Galiza desta altura destaca a participação de agentes ligados à oficialidade cultural e política do franquismo; estes agentes, «agrupados no que podemos denominar ‘Grupo Filgueira’ em virtude de ser este o apelido do seu membro mais central (o director do Museu de Ponte Vedra e político franquista antes membro do Partido Galeguista, José Filgueira Valverde), partilham um sector de público com Galaxia mas também focam um mercado específico e especializado ao promoverem desde várias instituições culturais e políticas de carácter oficial (Museus, Academias, Deputações [governos provinciais], etc.) repertórios virados para a etnografia, o folclore ou a arqueologia, representando as tendências mais claramente subsistémicas do SCG dentro do Sistema Cultural Espanhol (utilizam profusamente o espanhol e ocupam-se, por exemplo, de figuras como Emília Pardo Bazán, escritora enfrontada no século XIX aos primeiros galeguistas encabeçados por Manuel Murguía, esposo de Rosalía de Castro e primeiro presidente da RAG [na altura, «Real Academia Gallega»])). LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTÍN - CORDEIRO RUA, *art. cit.* Entendemos por tendências subsistémicas as «práticas que, mantendo especificidades a respeito do sistema originário, não pretendem impugnar a sua pertença a este (o que, provisoriamente e de forma insuficiente e esquemática, se pode fazer equivaler a ‘literaturas regionais’ tal como entendidas, por exemplo, no contexto cultural ibérico)». TORRES FEIJÓ, 2004, *art. cit.*, p. 429.

Figura 3. *Subcampo do livro em galego 1968-1978 (tipo de editor > 5%).*

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboração própria.



Principalmente após a crise de 1973-1974 e, de maneira mais significativa, trás a morte do ditador em 1975, assistimos à *incorporação ao CEDG de novas entidades editoras* que, publicando maioritariamente em galego, reforçam esse conjunto de pequena edição que irá acumulando de maneira continuada cada vez maior volume de produção até o fim do período¹⁶. A primeira editora em incorporar-se ao CEDG é a madrilenha **Akal** em 1973; com ligações ao Partido Comunista e com o professor Alonso Montero como home forte na Galiza¹⁷, Akal individualiza-se deste grupo pelo seu

¹⁶ Estas editoras estarám em ocasiões ligadas a grupos de esquerda com actividade a nível estatal que serám legalizados entre 1976 e 1978, como as madrilenhas Akal ou Júcar incorporadas ao CEDG já em 1973. Entre as editoras com sede fora da Galiza que intervenhem por primeira vez neste período no SCG destacam a também madrilenha Cátedra (1974) e as barcelonesas Plaza & Janés (1974), Casals (1975) e Mas-Ivars (1976); entre as editoras galegas incorporadas à produção na transição destacam polo volume da sua produção Librodouro (Vigo 1975), Follas Novas (Compostela 1976), Limbo (Ourense 1977) e Alvarellos (Lugo 1977).

¹⁷ «Devemos referir a importante participação no tardofranquismo do professor Xesús Alonso Montero, principal agente intelectual do Partido Comunista Galego (PCG), tanto em Castrelos (onde intervém na colecção O Moucho) como em edición[n]s do Castro; destaca da mesma maneira a sua participação, já na transição, nesta última editora e também em Celta (que aglutina agentes novos da esquerda luguesa), mas sobretudo na madrilenha Akal, instituição próxima do Partido Comunista de Espanha (PCE) que entra no mercado do livro em galego no fim do tardofranquismo com a colecção Arealonga (dirigida polo próprio Alonso Montero) e que desenha desde a sua criação em 1973 umha estratégia editorial que contribui para a construção dum intersistema literário conformado polos diferentes povos do Estado Espanhol». LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

volume de produçom já que, de acordo com umha estratégia de ediçom em galego e em castelhano, alcança em 6 anos de actividade por volta de 3% da produçom total e em castelhano (quase 4% em galego).

Este aumento do volume de produçom em maos da pequena ediçom é especialmente significativo no subcampo do livro em galego após 1975 (Figura 3), sendo já responsável pola maioria da produçom desde 1976 e reforçando a sua posiçom nos anos seguintes, quando estas «outras» editoras apostam claramente polo livro em galego em detrimento do castelhano (com os dados que manejamos neste momento, a diferença a favor do galego é de mais de 80 referências em 1977 e de 100 em 1978).

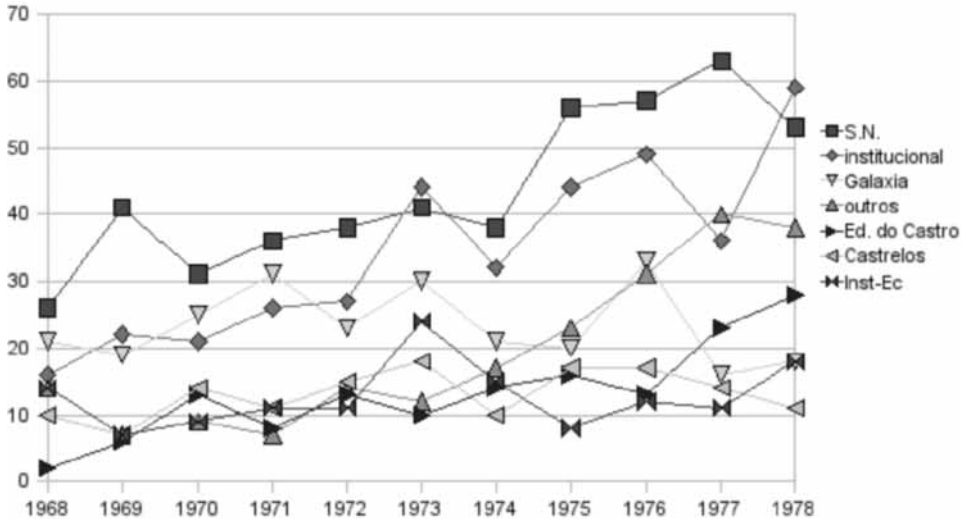
Boa mostra ainda desta fragmentaçom da produçom e, sobretudo, da *deficiente institucionalizaçom do CEdG* deste período, é o importante volume de referências publicadas fora do âmbito editorial ou institucional (por nós agrupadas sob a epígrafe «s.n.»). Este tipo editor supom por volta de 20% do total da produçom do livro galego, quer tomado no seu conjunto quer considerando as duas línguas de ediçom por separado e, juntamente com o volume da produçom gerada polas «outras» editoras referidas, contribui para relativizar a posiçom ocupada polo grupo Galaxia ao longo do período do nosso estudo.

Em todo o caso, **Galaxia** é o primeiro grupo editor e o terceiro tipo de editor mais produtivo no conjunto do CEdG do período analisado, com quase 12% do total de materiais publicados (Anexo 1, Figura C). Este grupo, que domina claramente a produçom no subcampo editorial em galego no fim do franquismo, perde no início da transiçom a posiçom de preeminência nesse espaço a maos da pequena ediçom por junto e da ediçom nom regrada («outros» e «s.n.») e acabará sendo superado no final do período por **Ediciós [sic] do Castro**¹⁸, que já o tinha ultrapassado em 1977 no conjunto da produçom do livro galego (Figura 4).

¹⁸ Esta editora fai parte do Grupo Sargadelos, «projecto cultural e empresarial focalizado na renovaçom repertorial do campo artístico galego promovido por Isaac Díaz Pardo e Luís Seoane, dous produtores retornados à metrópole despois dumha longa estadia no enclave bonaerense, com o qual mantemem ainda importantes relaçons ao longo de todo o período. Este grupo intervém também no campo literário através de Edició[n]s do Castro, editora que tem nas narrativas sobre a emigraçom de Xosé Neira Vilas o seu produto mais sucedido no mercado da altura e que se caracteriza por umha considerável diversificaçom da sua produçom, o que lhe permite aglutinar tanto agentes de várias adscriçons políticas como repertoriais (em quanto aos temas, modelos, géneros e mesmo às línguas [galego e castelhano]). Este carácter diversificado, mas também a clara orientaçom para o campo artístico como espaço de movimentaçom prioritário e a sustentabilidade económica das suas açons, explica o grande avanço experimentado por este grupo no terreno editorial no segundo período da nossa análise, onde se aproxima do nível de produçom de Galaxia neste campo». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

Figura 4. *Campo Editorial Galego 1968-1978 (tipo de editor > 5%).*

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboraçom própria.



Nestas circunstâncias, de acordo com umha estratégia centrada de maneira preferente no subcampo de edição em galego (onde o grupo acumula quase 20% da produção de todo o período, por menos de 3% no subcampo do livro em castelhano), Galaxia tentará reforçar no início do período seguinte a sua recém debilitada posição na edição em língua galega comprando o selo monolíngüe **Castrelos** (11% da produção entre 1968 e 1978)¹⁹.

Por seu lado, Ediciós do Castro é a principal empresa editorial galega quanto à publicação de livros em castelhano (com quase 5% do volume da produção). A editora do grupo cerámico Sargadelos entra no mercado do livro em castelhano em 1970 e três anos depois estabiliza umha produção focando principalmente a arte e o livro técnico ligado a esta tipologia (nomeadamente centrado no estudo dos processos cerámicos, vid. Figura 2).

¹⁹ Por trás da chancela Castrelos estava o editor galeguista Xosé M^a Álvarez Blázquez. «Os produtos colocados no mercado por esta editorial som distribuídos por Galaxia (que acabará comprando-a no fim deste período, em 1979) e están caracterizados sobretudo por serem (re)edições de textos de vária tipologia dirigidos a um público alargado e popular, onde sobressaem os repertórios popularizantes e os social-realistas, experimentados polo conjunto dos agentes ligados aos grupos políticos da esquerda em função da utilidade política por eles atribuída à literatura e presentes em vários produtores vindos da tradição galeguista e publicados por esta editora viguesa (como Curros, Rosalia, Castelao, Cabanillas etc.)». LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

Juntamente com Ediciós do Castro, Akal, Galaxia e Moret (cada unha com perto de 3% da produción) editam principalmente ensaio em castelhaño, o que contribuí para que este seja o género maioritário no subcampo do libro nesta lingua com mais de 20% da produción (Anexo 1, Figura D). Akal publica preferentemente ensaio de contéudo político (de acordo com as súas homologías com o comunismo de ámbito estatal) e Galaxia ensaio histórico, económico e filosófico. Moret, por seu lado, funcionando a um tempo como gráfica e editora, assina a produción mais diversificada do conxunto das principais empresas editoras deste subcampo do libro em castelhaño, levando para o mercado tanto poesía, como arte, xeografía ou biografías. Já a luguesa Celta, que aglutina boa parte da produción da esquerda dessa rexión da Galiza, acumula pouco mais de 2% da produción em castelhaño, centrando o seu labor na edición de ensaio etnográfico e xeografía, principalmente.

Por outro lado, debemos indicar aínda que, quanto ao volume de produción total, os **enclaves** do SCG acumulan, editando principalmente em galego, mais de 3% dos libros publicados no CEdG do fim do franquismo e da transición (o que significa quase o duplo no subcampo do libro em lingua galega)²⁰. Esta produción, caracterizada pola diversidade quanto a géneros e temas²¹, é devida a algunhas pequenas editoras (como Nós em Buenos Aires ou Roi Xordo em Genevra) e, principalmente, à edición institucional dos Centros Galegos e Patronatos, destacando neste punto por volume de títulos publicados as Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires e o Patronato da Cultura Galega de Montevideo.

Em xeral podemos afirmar que, após o regreso à metrópole nestes anos de varios dos agentes mais activos dos enclaves (Eduardo Blanco-Amor, Luís Seoane, Díaz Pardo etc.), a queda continuada da produción editorial nestes espazos do SCG durante a transición é paralela e significativa da perda paulatina de capacidade de intervención dos grupos e agentes que ali ficam no novo cenário político aberto com o proceso de reforma do regime franquista²².

²⁰ «Os principais e mais activos enclaves do SCG da altura están localizados na América (destacando entre eles a colectividade galega do Mar de Plata). Organizados em volta de Centros Galegos e patronatos, durante todo o período mantéñen activas as súas revistas societárias e unha continuada produción editorial, realizando un importante labor de mantimento de símbolos identitarios vindos do pasado do galeguismo e de institucións políticas republicanas (como Rosalia de Castro, Daniel Castelao ou o Consello de Galiza). No tempo do noso estudo sobressai o labor de disponibilización de recursos económicos para os principais emprendimentos culturais da metrópole (reabilitación da Casa Museo de Rosalia e da Sede da RAG na Crunha, por exemplo)». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

²¹ Esta diversidade alcanza inclusivemente algunha temática practicamente nom ensaiada na metrópole, como algunha das escasas referencias de libro científico-técnico com que conta o subcampo do libro em galego desta altura, *A Ernia inguinal sempre* de Xosé Alexandre López (Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires, 1973).

²² O proceso de adaptación legal à democracia aberto na transición deixa de parte material e simbolicamente os enclaves, sobretudo os americanos, de maior continuidade histórica e mais activos; aquí, em xeral, a «fidelidade aos postulados do galeguismo de pré-guerra (juntamente com a avanzada

Noutra ordem de cousas, se atendermos ao volume e à tipologia da **traducom** para o galego, devemos indicar que esta significa, com 45 títulos censados neste momento, umha percentagem de pouco mais de 3% do conjunto da producom total nesta língua.

Se repararmos ainda nas línguas de partida dos materiais traduzidos para o galego, verificamos que *o SCG importa por meio da traducom materiais fundamentalmente do sistema francês*, língua presente na formaçom regrada dos agentes que intervenhem no CEdG nesta altura; neste sentido devemos anotar que a literatura infanto-juvenil de Saint-Exupéry, o teatro de Molière, a banda desenhada de Goscinny e o livro de viagens de Prosper-Henri Devos somam um total de 14 referências (se nom foi esta também a língua de partida da traducom do *Xornal de prisión* de Ho Chi Minh editado por Do Castro), 3 mais que as provenientes de línguas clássicas (9 de textos litúrgicos e 3 mais correspondentes a obras de Homero, Sófocles e Arquíloco). Seguem em freqüência as traduçons da língua espanhola, com clásicos deste sistema como Cervantes e Quevedo, o poeta da esquerda cubana Nicolás Guillén e o texto religioso *Camiño* de Escrivá de Balaguer (5 referências no conjunto); também localizamos transferências de um clássico em inglês, Shakespeare, e de dous representantes de sistemas emergentes que utilizam essa língua, o irlandês Yeats e o galês Louey Chisholm (3 ocorrências, às quais deveremos acrescentar seguramente a traducom d’*O carteiro do rei*, obra de Tagore editada por Do Castro em 1976 e classificada no nosso censo como literatura infanto-juvenil); a contagem linguística conclui com as duas ediçons do *Manifesto do Partido Comunista* publicado por primeira vez em alemám por Karl Marx e agora editado na Crunha e em Madrid por Nova Galicia e Akal.

Se, por outro lado, repararmos na evolucom cronológica e na tipologia dos materiais traduzidos, podemos afirmar em termos gerais que os momentos de máxima importaçom no CEdG som, em primeiro lugar, o início do período do nosso estudo, quando a traducom atende principalmente à transferéncia de materiais próprios para a

idade da maioria dos seus agentes, a distância geográfica com respeito à Galiza e o estabelecimento definitivo nos países de acolhida que caracteriza em geral a emigraçom galega à América), pode explicar que os grupos do enclave bonaerense [nomeadamente], cujos capitais económico e simbólico contribuírom de maneira fundamental ao mantemento do PSCG [Protossistema Cultural Galego] durante o franquismo, nom tivessem desempenhado como tais praticamente nengum papel na passagem do regime franquista para o regime autonómico, processo político que assenta na transiçom à democracia parlamentar e nom na ruptura com a ditadura e a restauraçom da legalidade republicana e que está caracterizado na Galiza pola oposiçom do nacionalismo de esquerda, a debilidade organizativa do galeguismo político e a chefia de partidos de âmbito estatal». LÓPEZ-IGLÉSIAS SAMARTIM, R., «O discurso (lingüístico-) identitário e a lusofonia em ‘El Correo de Galicia’ (1968-1975)», em *Actas do VIII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela - Associação Internacional de Lusitanistas, 2008 (no prelo).

incorporação do galego à liturgia católica, possibilidade aberta após o Concílio Vaticano II de 1965 (10 títulos censados neste momento para o conjunto do período), destacando neste labor o selo para assuntos religiosos do grupo Galaxia (SEPT).

Em segundo lugar, na metade da transição contamos com três referências de claro carácter político, os textos já referidos de Marx e de Ho Chi Minh e umha tradução dos *Dereitos dos Pobos* publicada polo colectivo Escola Aberta de Vigo em 1978 dirigida ao âmbito do ensino. Porém, nesta altura destaca sobretudo a editora barcelonesa Mas-Ivars que, umha vez adquiridos os direitos sobre a tradução para o galego polo livreiro corunhês Fernando Arenas (que encarrega a tradução a Eduardo Blanco-Amor)²³, chega a colocar no mercado entre 1976 e 1978 até 8 títulos de banda desenhada com as aventuras de Asterix (elaboradas por René Goscinny e Albert Uderzo desde 1959) destinadas a um público eminentemente juvenil.

As tentativas de incorporação de **literatura infanto-juvenil** ao CEDG com o objectivo de ganhar novos públicos para o galego tenhem o seu início na sucedida tradução d'*O principião* de Antoine de Saint-Exupéry feita por Carlos Casares, um dos agentes mais novos e activos na órbita de Galaxia (com três edições no selo vigues entre 1972 e 1976). Juntamente com mais duas obras de temática infanto-juvenil²⁴, a tradução para galego reparte-se durante todo o período entre as 4 narrativas publicadas por outras tantas editoras e as 7 obras de teatro editadas pola viguesa Castrelos (incluídas aqui as duas edições da *Barca do inferno* de Gil Vicente, em 1972 e 1975), que também é responsável por metade das traduções de poesia (6 livros no total, se contarmos as duas edições dumha antologia de Quevedo, em 1968 e 1970).

Ora, das 58 referências de literatura infanto-juvenil catalogadas a dia de hoje no nosso censo, 33 saem dos prelos das principais empresas editoriais da Galiza: o Grupo Galaxia publica ao longo de todo o período 16 obras narrativas, umha de teatro e *A Bíblia dos nenos* em 1975 (em SEPT), Ediciós do Castro coloca no mercado 10 obras (também principalmente narrativas, o que contribui para fazer deste género o priorizado nos materiais de literatura infanto-juvenil com quase quarenta referências) e Castrelos escolhe de forma maioritária o teatro nas 5 obras editadas no fim do franquismo. Fora a narrativa, a poesia e o teatro para crianças (10 e 6 referências) som os géneros escolhidos polos principais autores de literatura infanto-juvenil, claramen-

²³ Veja-se, por exemplo, «Cando Blanco-Amor conquistou as Galias», *Faro de Vigo*, suplemento «El Sábado», 425 (20 de Agosto de 2005, p. [1]).

²⁴ Um total de 5 das referências de literatura infanto-juvenil som traduções. Desta tipologia falaremos imediatamente, mas diremos agora apenas que umha destas obras, *Ona e Ori un dia na escola*, traduzida do catalán e editada pola barcelonesa Edit. 7 ½ em 1978, mostra já umha tendência presente no SCG de anos posteriores: a circulação de traduções de literatura infanto-juvenil entre os vários espaços linguísticos do Estado. À Galiza, nomeadamente, chegarám no período autonómico numerosas traduções provenientes do intersistema catalán.

te Xosé Neira Vilas (com 8 exemplares de narrativa) e Manuel Maria Fernández Teixeiro, o principal agente do comunismo nacionalista no campo literário do fim do franquismo e da transição (com 7 ocorrências, entre teatro e poesia).

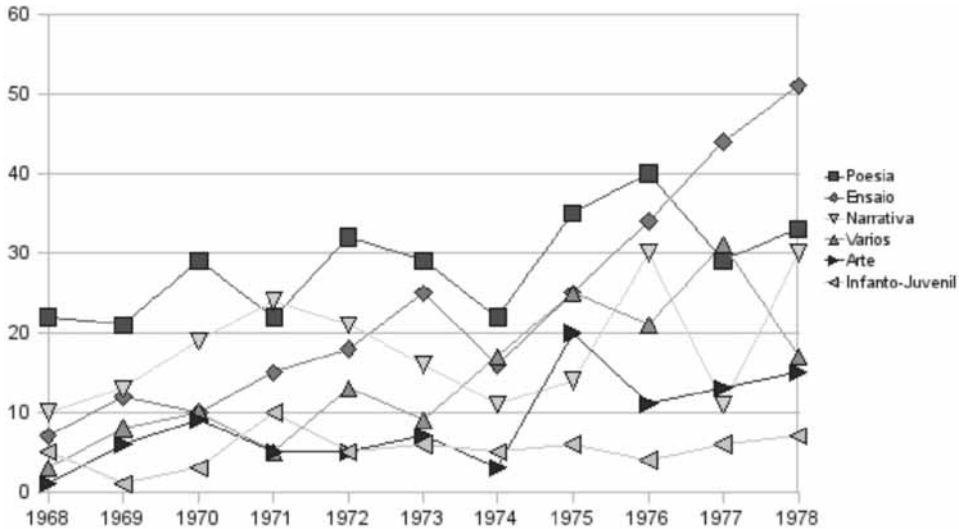
Cabe destacar neste ponto, ainda que seja de passagem, o contributo das associações culturais promovidas polos grupos de esquerda clandestina à promoção de literatura infanto-juvenil²⁵. Essas associações estão relacionadas com 4% da produção total do livro em galego do período em causa e ao seu labor como organizadoras de prémios literários deve-se a chegada ao mercado de pelo menos 8 obras destinadas ao público infanto-juvenil. Esta tipologia mantém volumes de produção constantes ao longo de todo o período desde o ascenso experimentado em 1971 (Figura 5), seguramente pelas expectativas de inclusom da língua galega como matéria opcional no ensino obrigatório levantadas pola Ley General de Educación promulgada no ano anterior polo ministro franquista Villar Palasí.

Ainda quanto à tipologia da produção, devemos indicar que, de acordo com a distribuição de géneros e temáticas operada entre as duas línguas presentes no CEdG do fim do franquismo e da transição, assistimos a umha clara especialização linguística segundo a qual *o espanhol será a língua escolhida preferentemente para veicular o conhecimento*. Assi, tipologias como científico-técnico e jurídico (em maos fundamentalmente da edição institucional), mas também geografia e biografia, somam por junto mais dum terço da produção nesta língua e superam largamente a metade da produção em castelhano se unirmos a elas o género maioritário nesta língua, o ensaio;

²⁵ Os principais grupos de esquerdas actuautes no SCG neste período som o Partido Comunista Galego (PCG) o Partido Socialista Galego (PSG) e a Unión do Pobo Galego (UPG). Ainda que com projectos políticos e estratégias partidárias nem sempre coincidentes, todos tenhem em comum a promoção do trabalho associativo nos campos culturais. Assi, no primeiro grupo «destaca a criação dumha rede local de associações de base [...] (como a Asociación Cultural Abrente na vila ourensá de Rivadávia, organizadora do festival de teatro que leva o seu nome) procurando um público alargado e a socialização tanto dos seus postulados políticos como duns repertórios culturais caracterizados pola sua heteronomia (social-realismo, nomeadamente) se os compararmos, por exemplo, com os promovidos por Galaxia». Do segundo grupo interessa destacar «a promoção da organização e o apoio prestado por destacados integrantes de Galaxia às actividades relacionadas com o Partido Socialista Galego (PSG), tanto na colaboração com a rede de associações culturais locais com que mantemhem ligações ('O Facho', na Crunha, ou 'O Galo', em Santiago de Compostela) como em contribuições económicas directas para a abertura de novos campos de acção cultural, como o musical no início do tardofranquismo [...] ou, sobretudo, o campo dos meios de comunicação em galego na transição (subsidiando a publicação do semanário *Teima*)». Polo que respeita ao terceiro dos grupos apontados, «em virtude dessa estratégia de trasladar a actividade política aos campos culturais (comum, como dizemos, a todos os partidos da esquerda clandestina), os agentes ligados à UPG implementam acções focadas para a socialização do seu ideário político e a promoção dos repertórios culturais próprios da arte social perante um público alargado e caracterizado pola sua juventude, fundando para isso associações culturais de base (como, por exemplo, a de Vigo) ou, já no último ano do nosso estudo, intervindo no novidoso campo dos meios de comunicação em galego com a publicação do semanário *A Nosa Terra*». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

Figura 5. Subcampo do livro em galego 1968-1978 (tipologia > 5%).

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboración propia.



por seu lado, a produçom mais estritamente «literária» em castelhanu (poesia, narrativa, teatro e infanto-juvenil) nom alcança nem 7% do volume de ediçom nesta língua (Anexo 1, Figura D).

A distribuiçom segundo tipologia no subcampo da produçom em galego indica (Anexo 1, Figura E), por seu lado, que metade da ediçom nesta língua está virada para a literatura de criaçom (poesia, narrativa, infanto-juvenil e teatro); enquanto o ensaio, que agrupa várias das tipologias transmissoras de conhecimento individualizadas por nós para a abordagem do subcampo da produçom em castelhanu, nom alcança um volume de produçom equivalente se somarmos o seu homólogo em castelhanu com os livros científico-técnicos (a adiçom unicamente dessas duas tipologias em castelhanu supera em mais de 100 referências o ensaio em galego).

Esta relaçom entre materiais para a reflexom e a utilidade prática com o castelhanu mantém-se apesar de que o **ensaio** em galego experimenta umha progressom continuada durante todo o período em foco. Este ascenso coloca em 1977 e 1978 o ensaio como género maioritário no subcampo da ediçom em galego em detrimento da poesia, umha vez que os repertórios social-realista veiculados prioritariamente pola lírica perdem efectividade reivindicativa na nova situaçom política, que favorece a circulaçom de ideias através de géneros como o ensaio (Figura 5).

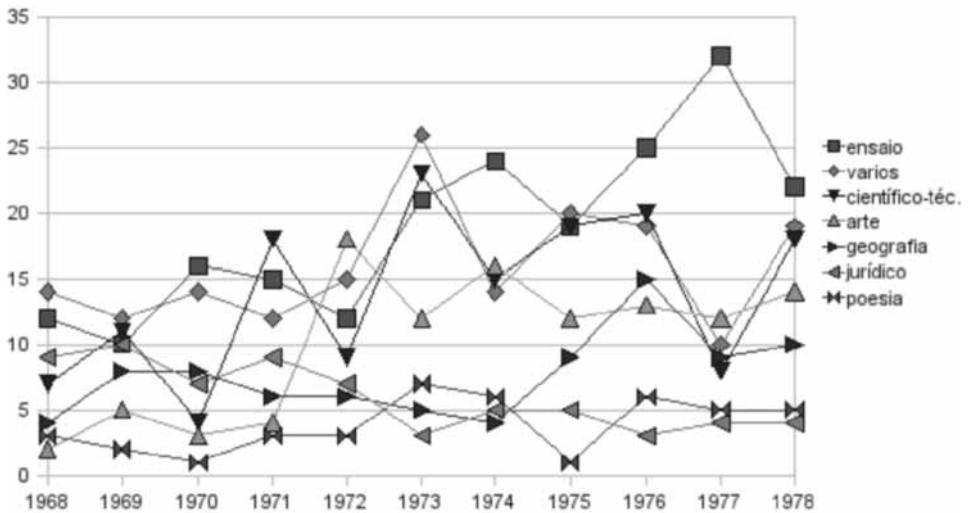
Para o ascenso do volume de títulos de ensaio contribuiu sem dúvida umha produçom mui diversificada e fragmentada quanto a tipo de editor. A diversificaçom e fragmentaçom da produçom deste género demonstra que *a promoçom da ediçom de*

ensaio em galego era um objectivo estratégico compartilhado por vários dos grupos actuantes no CEdG desde os últimos anos do franquismo (indicamos apenas, em relação com esta ideia, que a soma da edição institucional, do grupo Galaxia, de Akal, de Edicións do Castro e de Castrelos alcanza apenas 55% da produção total desta tipologia em galego).

Por seu lado, a presença no campo literário da tipologia **arte** é resultado fundamentalmente do labor editor institucional, da edição do Grupo Sargadelos (Galeria Sargadelos e Edicións do Castro) e de várias galerias privadas. O conjunto destes três tipos de editor, publicando maioritariamente catálogos e folhetos informativos de exposições, alcança um volume aproximado de 10% da produção total do CEdG no final do franquismo e na transição, levemente por cima desta percentagem em castelhano e ligeiramente por baixo em galego (ainda incluindo neste caso a banda desenhada e o humor gráfico); esta tipologia mantém cifras de publicação absoluta também mui similares em ambas línguas, por cima dos 100 exemplares em todo o período (Anexo 1, Figura D e Figura E).

Figura 6. *Subcampo do livro em castelhano 1968-1978 (tipologia > 4%)*²⁶.

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboração própria.



Com umha produção irregular e relacionada em geral com o volume anual marcado pela editora de Sargadelos, o ascenso da arte no subcampo do livro em castelhano em 1972, coincide com o ano de maior volume de produção da editora do

²⁶ Para facilitar a visualização nom incluímos na gráfica a tipologia «Biografía», também com 4% da produção.

grupo cerámico e com a Bienal de Ponte Vedra, promovida polo museu dessa cidade (Figura 6). Já no que di respeito ao principal ascenso da edición deste tipo de materiais em língua galega, efectuado em 1975, este tem a ver com as numerosas accións em volta dos 25 anos da morte de Daniel Castelao, que é objecto neste ano de numerosas abordagens, entre as quais também a sua faceta como artista gráfico (Figura 5).

Além disto, a ideia da especialización lingüística que apuntámos acima é produtiva também à hora de nos achegarmos a tipologias minoritárias quanto a volume de produción, como **ensino** ou **língua**, já que umha primeira análise destas duas temáticas indicam como a produción em galego (que nom alcança 5% ainda unificando ambas tipologias) atenderá preferentemente à elaboração de materiais de carácter práctico que poidam contribuir para a eventual incorporación desta língua ao sistema de ensino (dicionários, manuais, normas e métodos de aprendizagem, em ocasións bilíngües e, no fim do período, algum livro de texto de editoras sediadas fora da Galiza). Por seu lado, em castelhamo encontramos umha produción mais alargada e diversificada centrada em maior medida na elaboração do conhecimento teórico e técnico; nos ámbitos lingüístico e didáctico-pedagógico podemos destacar a produción dos institutos universitários da USC, que utilizarám de maneira prioritária o castelhamo nos seus trabalhos; falamos no Instituto de Ciencias de la Educación (ICE) e no Instituto de la Lengua Gallega (ILG)²⁷.

Este último organismo universitário nasce em 1971 com objectivos específicos centrados no estudo filolóxico da língua galega e acabará pactando com Galaxia a distribución de espaçoes de actuación no incipiente campo do ensino²⁸. Galaxia, por seu lado, tinha participado na elaboração de materiais para o ensino da língua desde

²⁷ «O ILG nom tem impacto destacado no campo editorial (publica a revista especializada «Verba» e alguns métodos e materiais para a aprendizagem do galego) mas ocupa umha posición central no incipiente e determinante campo do ensino em virtude da sua origem universitária e de disputar (à RAG) desde a sua criação o monopólio sobre a codificación da língua da Galiza». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM - CORDEIRO RUA, *art. cit.*

²⁸ «Ao sucesso da incorporación da língua da Galiza ao ensino nos anos setenta (no modelo proposto polo Instituto da USC) nom é alheia a actividade docente e investigadora desenvolvida polos membros do ILG nessa altura; estes agentes están caracterizados no vital pola sua juventude, no político por um galeguismo mais popular(ista) e, em geral, mais à esquerda que o simbolizado por Galaxia, e no académico polos intereses próprios de quem está a iniciar a sua trajectória universitária sob a orientação do único catedrático dumha área em clara expansom. Como prova de mais algunha tentativa de Galaxia de contribuir para a elaboração de materiais para o ensino, mas sobretudo da (con)cessom da autoridade ao ILG nesse campo, indico apenas que ‘En 1972 a Ed. Galaxia editou [10.000 exemplares d]o libríño *Lecturas Galegas 1*, destinado a nenos de EXB, obra que fora redactada por Valentín Arias e revisada lingüísticamente polo ILG [que assinou a publicación]’ (Fernández Rei, 1991: 18; sublinhado meu)». LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM, 2005, *art. cit.*, p. 25. FERNÁNDEZ REI, F., «O Instituto da Lingua Galega (1971-1990). Contribución á investigación e á normalización do galego», em BREA, M. - FERNÁNDEZ REI, F. (coords.), *Homenaxe ó Profesor Constantino García*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1991, vol. 1, pp. 15-46.

a primeira edição em 1966 da *Gramática elemental del gallego común* do professor da USC Ricardo Carballo Calero (quatro edições no tempo do nosso estudo), principal representante de Galaxia para assuntos lingüísticos e literários até o seu afastamento do grupo no início da década de oitenta.

Antes de concluirmos esta visom panorâmica do CEDG devemos aproximar-nos brevemente do volume e da tipologia das **espécies bilíngües** galego-castelhano. De acordo com o lugar de edição deste tipo de produção, que representa menos de 2,5% do total do livro em galego (33 ocorrências censadas na actualidade), confirmamos que *o bilinguismo galego-castelhano é utilizado tanto por editoras galegas para entrarem no mercado espanhol como por editoras com sede em Madrid e Barcelona para acederem ao mercado galego*. Assi, quase metade da fragmentada produção bilíngüe está editada em Madrid e Barcelona (respectivamente com 9 e 6 ocorrências catalogadas no estado actual da nossa investigação) por um total de nove editoras, sendo a barcelonesa Saturno quem mais referências acumula (duas edições de dous livros do poeta Celso Emilio Ferreiro, o produtor mais publicado em edições bilíngües do período). É precisamente a poesia (20 referências no nosso censo) o género mais utilizado neste tipo de edição por agentes da esquerda política para promover repertórios social-realistas (González Garcés, Rábade Paredes, Manuel Maria, o já indicado Celso Emilio Ferreiro e outros presentes na antologia d’*Os novísimos da poesia galega* que Moreno Márquez publica em 1973), ainda que podamos encontrar em menor medida outros repertórios mais afastados destes modelos, como os textos de Iglesias de Souza (Crunha, s.n., 1970), Varela Jácome (Barcelona, Bruguera 1972), Luz Pozo Garza (Crunha, Moret, 1976) e Carmen Fernández Lamas (Lugo, Alvarellos, 1977).

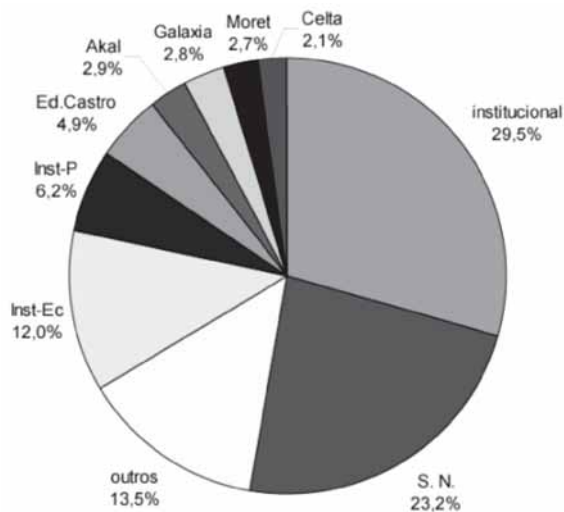
Os grupos mais institucionalizados do SCG recorrem à edição bilíngüe em menor grau que os grupos da esquerda com ligações estatais, já que os grupos virados para a institucionalização optam ou pela produção escrita em espanhol (o grupo Filgueira) ou escolhem prioritariamente a língua galega para intervirem no SCG (o grupo Galaxia). Porém, para além de dous informes saídos do campo económico (publicados pelas caixas de aforro de Compostela e Vigo em 1978), entre os cinco ensaios bilíngües editados entre 1974 e 1978 podemos encontrar tanto a pegada de Filgueira Valverde (no Patronato Rosalia de Castro, em 1974) como a intervenção de Galaxia.

Com a publicação pola Fundación Penzol do *Proxecto dunha institución para fundar un xornal galego* (1977) o grupo Galaxia mostra a importância estratégica atribuída na altura ao surgimento dum campo dos meios de comunicação em galego; por fim, com a publicação de Ramón Piñeiro na chancela da SEPT dumha edição trilingüe em galego, catalám e basco para homenagear Castelao no 25 cabo de ano da sua morte, assistimos a mais umha das várias tomadas de posição que apontam, desde o fim do franquismo até a actualidade, para as tentativas de vários grupos de estabelecerem relações preferentes entre o SCG e os outros sistemas emergentes do Estado Espanhol.

ANEXO 1. GRÁFICAS PERCENTUAIS

Figura A. *Subcampo do livro em castelhano 1968-1978 (tipo de editor > 2%).*

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboraçom própria.

Figura B. *Subcampo do livro em galego 1968-1978 (tipo de editor > 3%).*

Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboraçom própria.

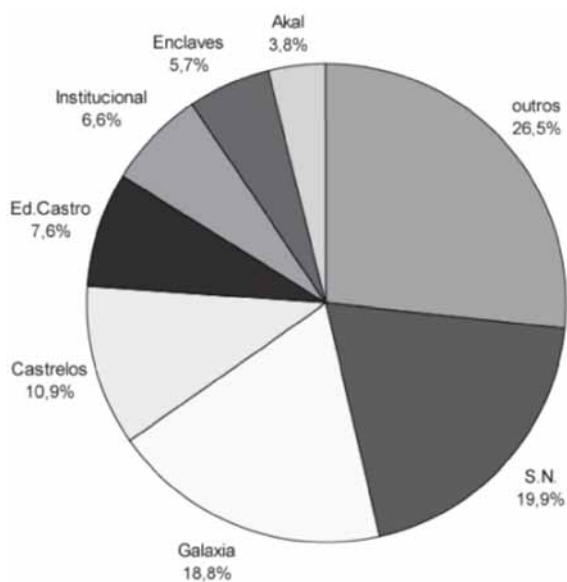


Figura C. *Campo editorial galego 1968-1978 (tipo de editor > 2%).*
 Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboración propia.

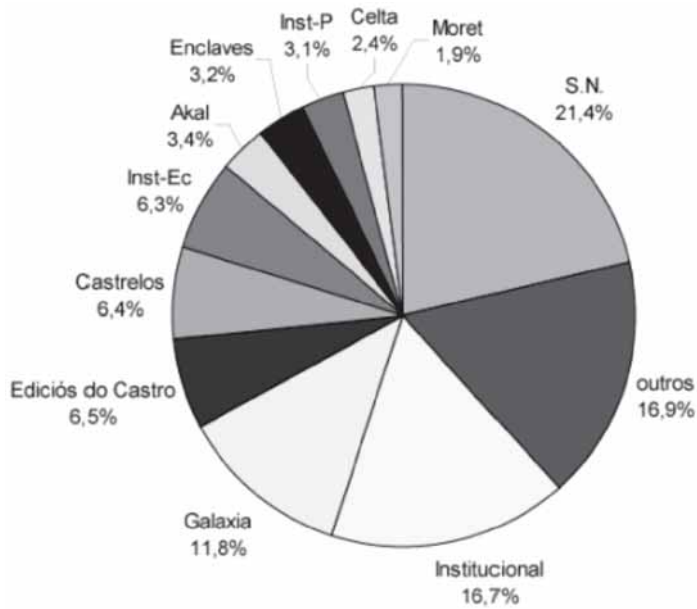


Figura D. *Subcampo do libro em castelano 1968-1978 (tipologia).*
 Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboración propia.

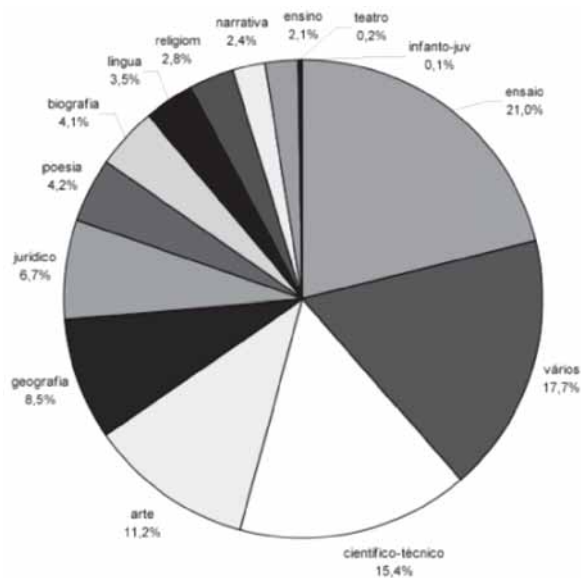
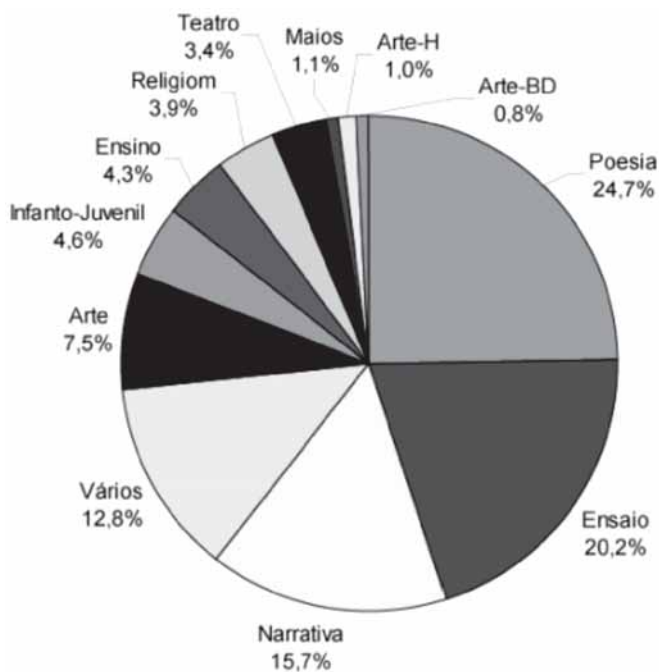


Figura E. *Subcampo do livro em galego 1968-1978 (tipologia)*.
Fonte: Grupo Galabra – Projecto Poluliga. Elaboraçom pr3pria.



ANEXO 2. LIVRO EM GALEGO

Tabela 1. Principais Editoras (+10 gl)

Editora	Total	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	s.a.
Galaxia	206	13	17	21	26	28	19	15	13	26	12	16	
s.n.	148	2	3	4	5	11	8	14	28	27	23	20	3
Castrelos	139	10	7	13	11	15	18	10	16	16	12	11	
Edicións do Castro	97	2	6	10	8	4	5	6	12	8	15	21	
imp/graf	83	4	14	11	8	7	8	2	8	4	11	6	
Akal	48						1	5	16	14	6	6	
SEPT	33	4			2	4	5	4	6	4	4		
Celta	32	1	2	4	6	4	4	3	3	3		2	
Xistral	25	2	3	4		1	2	1	1	6	2	3	
USC	23			1	3	1	2	3	1	3	4	5	
O autor	21		2	3		1		1	1	3	7	3	
Edicións do Rueiro	20								3	1	5	11	
RAG	20	1	1	3	3	1	2	1	2	2	3	1	
La Región	20		3	4	1	2	1	2	3	2	1	1	
Moret	15	1		1	2	2		2	2	1		4	
Nós	14	1	2	3	1	2	3	1	1				
Alvarellos	13										6	7	
Padroado da Cultura Galega	11	1	1	2	1	1	1	1		3			
Ed. Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires	10				4		2	1		1	1	1	
Outras	376	21	24	20	20	30	31	20	37	41	62	69	

Tabela 2. Principais Produtores (+10 gl)

Productor	Total	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	s.a.
s.n.	86	3	3	8	5	10	10	8	17	7	8	7	
Rdez. Castelaio, Alfonso Daniel	58	2	2	3	9	4	4	4	9	11	2	8	
Fdez. Teixeira, Manuel María	30	3	3	5	1	6	5			3	2	2	
Neira Vilas, Xosé	26	3	3		5	1	1	3	2	2	3	3	
Ferreiro, Celso Emilio	24	3	2	2		4	2		4	2	1	4	
Álvarez Blázquez, X. M ^a	20	4	1		3	3	2	5		2			
Castro, Rosalía de	18	1		2	2	1	1	1	3		5	2	
Seoane, Luis	17	1	3		2	1	3		2	1	4		
Alonso Montero, Xesús	16	1	4	2	1		2	1	3		1	1	
Otero Pedrayo, Ramón	15		1	2			2	1	2	2	1	4	
Igrexa Católica	14	3	1		1			2	2	1	1	2	1
Cabanillas, Ramón	14			1			1	1	3	7		1	
Isorna, Xosé (O.F.M.)	13		2		1	1		1	2	1	2	3	
Curros Enríquez, Manuel	13		2		2	1	1	1	2	1	2	1	
Fernández del Riego, Francisco	11				2		1	1	1	3	1	2	
Carballo Calero, Ricardo	11			2	3	1		1	2	1		1	
Quesada Porto, Fernando	11				1		1		3	2	3	1	
Outros	873	35	44	66	55	74	68	60	88	115	126	138	4

ANEXO 3. LIVRO EM ESPANHOL

Tabela 8. Principais Editoras (+10 es)

Editoras (tipo)	Total	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Institucional	292	13	19	17	20	21	35	26	35	38	26	42
s.n.	165	12	21	9	17	13	19	17	16	12	13	16
Inst-Ec	117	13	7	9	9	10	21	13	8	8	11	8
Inst-P	61	2	1	2	6	8	3	8	8	9	6	8
Edicións do Castro	48			3		9	4	8	4	5	8	7
imp/graf	47	5	3	2	4	4	2	2	2	9	7	7
Akal	28						2	5	1	10	7	3
Galaxia	27	4	2	4	2	1	6	2	1	3		2
Moret	27	2	3	2	2	4	2	1	4	4	3	
Celta	21		4	2	4	1	3	3	2			2
Porto y Cia	18	3	3	3	3	1				4	1	
Pico Sacro	14							1	3	5	4	1
Autor	14			2	2	1	2	2	1	1	2	1
Bibliófilos Gallegos	11		1	2		1	1	2	1		1	2
Librigal	11				1	2	4		1	3		
La Voz de Galicia	9								3	2	1	3
Outros	67	4	2	4	4	4	2	9	8	9	6	13

Tabela 9. Principais Produtores (+6 es)

Produto	Total	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
González Pastoriza, Roberto	27	7	5	6	6	2	1					
Filgueira Valverde, Xosé	25		4	3		4	2	2	1	3	3	3
Chao Espina, Enrique	12		1	1	1	1		1	1	2	2	2
Castelao, A. Daniel Rdez.	11			1	2			1	1	4	1	1
USC	11	1				1	2	1	4	1		1
CESGA	11	1	2		1	1	2		3	1		
Mejjide Pardo, Antonio	10			2		2	2	1	1	1		1
Vales Villamarín, Francisco	10	2	1	2	1				2	1	1	
Otero Pedrayo, Ramón	9	1	1	1	1	1	2					2
González López, Emilio	8		1	1			1				2	3
Alonso Montero, Xesús	8			1	1		2	1	1	1	1	
Sa Bravo, Hipólito de	7					2	1				2	2
Martínez Barbeito, Carlos	7	1		1	1			1		1		2
Naya Pérez, Juan	7	1		2		1			2	1		
Carballo Calero, Ricardo	7	2		1		2		1		1		
Sánchez Cantón, Fco. J.	6		1		1	2	1					1
Cunqueiro, Álvaro	6				1	1		1	1	1		1
Varela Jácome, Benito	6	1	1	1			2			1		
Cores Trasmonte, Baldomero	6						1		1	2	1	1
Ramón y Ballesteros, Fco. de	6	1			1	1				3		
ILG	6				1		2	1	1		1	

